

Baixo crescimento

Rogério Mori *

Conforme era esperado, o ano de 2005 foi marcado por um baixo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Segundo o IBGE, o PIB registrou variação de 2,3% no ano passado, relativamente a 2004, ficando abaixo das previsões de analistas e economistas, que trabalhavam com um número mais próximo de 3%.

Com o crescimento verificado em 2005, se torna mais palpável vislumbrar um quadro em que é possível notar que a economia brasileira continua crescendo pouco ano a ano, a despeito da mudança de governo e da sua auto-proclamada mudança de política econômica, mais enfocada no crescimento e emprego. No período entre 2003 e 2005, o crescimento médio do produto foi de 2,6%, o mesmo patamar verificado entre 1995 e 1998, e pouco acima do crescimento médio verificado entre 1999 e 2002, de 2,1%. Com esse resultado, o PIB *per capita* cresceu, em termos médios, 1,1% no Governo Lula, até agora, o que significa que, a essa velocidade, o PIB *per capita* dobrará em, aproximadamente, 64 anos.

Esse desempenho não é algo desejável ou sequer sustentável, do ponto de vista social. Na verdade, o desempenho medíocre em termos de crescimento da produção e da renda da economia brasileira é um fenômeno que data do início dos anos 1980, a partir da crise da dívida externa e que persiste até os dias de hoje. O resultado social de uma economia que praticamente não cresce ao longo do tempo é o que temos visto no Brasil nas últimas décadas, com desemprego ele-

vado em um ambiente onde a (má) distribuição da renda permanece praticamente inalterada.

A experiência brasileira da estabilização da inflação em patamar baixo mostra que essa é uma condição necessária, mas não suficiente para o crescimento. Mesmo após a crise vivenciada no início de 1999, quando se argumentava que o fim da âncora cambial iria permitir que os instrumentos de política econômica (em particular, a política monetária) se enfocassem em objetivos domésticos, se verificou que a média do

bém não é muito animador, uma vez que boa parte delas repousa no argumento do aprofundamento daquilo que vem sendo praticado até agora em termos de orientação de política econômica, sem uma orientação ou um projeto de ação no sentido de retomar o crescimento do País em bases mais vigorosas.

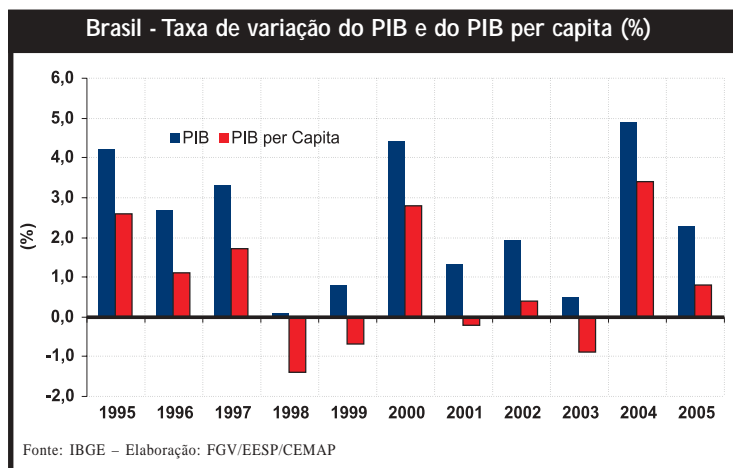
De fato, a analogia do copo 'meio cheio e meio vazio' pode ser associada à questão da política econômica atual: ela não dá muito certo, mas também não dá muito errado. Esse fenômeno não gera incentivos para mudanças de orientação de diretrizes, e o receituário tradicional sempre recai no aprofundamento dos esforços em curso, perante a promessa do éden econômico do crescimento do produto e do emprego e da distribuição da renda.

A experiência internacional revela que os países mais bem-sucedidos foram aqueles capazes de implementar uma agenda nacional voltada para o cresci-

mento econômico, em longo prazo. De fato, não é concebível que um agente que comande mais de 35% do PIB nacional, que é o caso do governo brasileiro, não tenha uma agenda bem definida de alocação de gastos com priorização em investimentos produtivos. Da mesma forma, a sociedade não tolera mais um ajuste fiscal nos moldes implementados entre 1998 e 2005, focado essencialmente no aumento

da tributação, sem que houvesse qualquer esforço maior do lado dos gastos.

O aumento do investimento produtivo é uma condição essencial para a retomada do crescimento em bases mais amplas do que as verificadas nas últimas décadas. A redução da carga tributária e dos juros, de um lado, e a opção de dotar novamente o Estado da sua capacidade de investir, de outro, são peças fundamentais nesse processo. Essas são questões essenciais para que o País saia dos ciclos de aceleração e desaceleração do crescimento, e deverão permear o debate eleitoral que se inicia. ■



crescimento econômico do País se manteve relativamente inalterada.

Mesmo com a ausência de choques externos adversos no período 2003-2005 (como os que ocorreram entre 1994 e 2002), o crescimento não decolou. Na verdade, a economia mundial atravessou nos últimos anos um ciclo de bonança e de forte expansão, e a economia brasileira ficou para trás nesse processo, crescendo abaixo da média mundial.

A análise desse quadro em perspectiva revela um panorama não muito agradável, e o conjunto de soluções propostas até agora, fora algumas exceções, tam-